

## VIOLÊNCIA INFANTIL

# Duzentas crianças agredidas

**Maus-tratos ocorrem dentro de casa e os pais são os maiores agressores. São 16 casos por mês na Grande Vitória**

Victor Muniz

Cerca de 200 crianças são vítimas de maus-tratos e agressões por ano na Grande Vitória. Somente no ano passado, foram 191 vítimas. A média é de 16 casos por mês. Na maioria das vezes, a violência é praticada por quem deveria proteger, que são os pais e mães.

Os dados são da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA). De acordo com o delegado Érico Mangaravite, titular da DPCA, a forma mais comum de crime de maus-tratos é a correção indevida, ou seja, uma agressão que passa quase a espancamento da criança.

“A forma mais comum de maus-tratos é quando há um abuso nos meios de correção. No caso de chineladas, não são consideradas um abuso”, disse o delegado.

Ele destacou, porém, que é preciso analisar cada situação. “Temos que ver quantas chineladas foram, em quais locais atingiram. Uma chinelada nas nádegas, por exemplo, é uma forma de educar. Agora tem pais que batem no rosto, ou então até deixar a criança em ‘carne viva’. Ai houve o abuso”.

Ainda segundo Mangaravite, o crime acontece em todas as classes sociais. Para ele, a instabilidade nos relacionamentos familiares é o que mais leva pais a agredirem os seus filhos.

“Em regra, agressão física é cometida por pais e mães. Padres não gostam de se envolver nesse tipo de questão. E isso ocorre em todas as camadas sociais. Independe de grau e escolaridade”, salientou.

E completou: “Notamos que quando são famílias harmônicas, com boa convivência e há o diálogo, dificilmente teremos a agressão em casa. Uma simples conversa resolveria o problema”, afirmou.

De acordo com o delegado, a maior parte das crianças agredidas tem idade entre 6 anos e 11 anos. O delegado ainda ressalta que, na maioria das vezes, os casos são denunciados por pessoas que não fazem parte da família da criança agredida.

Magaravite afirma que, normalmente, a família já possui um histórico de agressões contra os menores.

“Como as agressões acontecem entre quatro paredes, no ambiente familiar, elas se repetem até que a criança não suporte e procure alguém. Na maioria dos casos, são vizinhos e professores que denunciam”.

## OS NÚMEROS

**16** AGRESSÕES  
A MENINOS E MENINAS  
SÃO REGISTRADOS POR  
MÊS

**6** ANOS  
É A MENOR IDADE MÉDIA  
DOS AGREDIDOS

**11** ANOS É A  
MAIOR IDADE, NA MÉDIA,  
DOS AGREDIDOS

**SEGUNDO A POLÍCIA, casos de violência contra a criança atingem todas as classes sociais**



## Pais podem perder guarda

Casos de agressões e maus-tratos a crianças podem fazer com que os pais percam o direito de conviver com os filhos. Nos casos de extrema gravidade, quando outras medidas já haviam sido adotadas e não funcionaram, a Justiça pode definir pela medida.

Segundo o delegado Érico Mangaravite, titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente, existem dois tipos de punição para os pais, na esfera judicial. “O autor do crime será penalizado por uma legislação do código penal, como maus-tratos. Em paralelo a isso, você terá procedimentos da Vara da Infância e da Juventude. São procedimentos que buscam proteger essa criança”, afirmou o delegado.

O delegado ainda elencou quais seriam os tipos de medidas aplicadas pelos juizes, antes de chegar à retirada da guarda.

“As mais simples são advertência e acompanhamento psicológico da família, com a criança. Em situações de gravidade média está o abrigo dessa criança, para que ela seja afastada temporariamente do seio familiar, justamente para ser analisado com mais calma

o que esta acontecendo”, disse.

E completou: “Nos casos mais graves, pode haver a destituição familiar, quando chega a um ponto que o pai e a mãe podem perder a guarda em definitivo dessa criança, visto que não há uma solução e as agressões são constantes.”

## JUSTIÇA

No Rio Grande do Sul, a Justiça decidiu suspender a guarda de uma filha do casal Leandro Boldrini e Graciele Ugolini, que está preso sob suspeita de envolvimento na morte do menino Bernardo Boldrini, 11 anos.

Leandro, pai de Bernardo, e Graciele, madrasta, têm uma filha de um ano e meio, que está com familiares desde a prisão dos dois, na semana passada, suspeitos da morte do garoto.

“Nos casos mais graves, o pai e a mãe podem perder a guarda em definitivo dessa criança”

Delegado Érico Mangaravite

FERNANDO RIBEIRO - 10/04/13



**DELEGADO Érico Mangaravite disse que pais e filhos podem ter ajuda psicológica nos casos menos graves de agressão**



LEANDRO e Graciele, pai e madrasta de Bernardo (destaque): assassinato

## Negligência acaba em morte

## RIO GRANDE DO SUL

Um caso, inicialmente de negligência e maus-tratos, mas que depois levou a um assassinato e chocou todo o Brasil, poderia ter sido evitado, na opinião de especialistas, caso as autoridades tivessem escutado o pedido do menino Bernardo Uglione Boldrini, de 11 anos.

De acordo com o Ministério Público, desde novembro do ano passado, o pai de Bernardo, o médico Leandro Boldrini, 38, era investigado por negligência afetiva e abandono familiar.

Mas, jamais houve indícios de agressões físicas. Em janeiro, o garoto foi ouvido pelo órgão e chegou a pedir para morar com outra família. No início do ano, o médico pediu uma segunda chance e convenceu a Justiça a autorizar uma nova experiência.

Segundo a polícia local, Bernardo foi mais uma vítima da violência familiar, pois os principais suspeitos de seu assassinato são a madrasta, Graciele Ugolini, 32, e o pai

dele. O menino teria sido morto com uma injeção letal e o corpo foi encontrado no último dia 14, em um matagal à beira de um rio na cidade de Frederico Westphalen.

Após a morte de Bernardo, uma babá do garoto prestou depoimento à polícia. Ela contou que o menino havia afirmado que a madrasta teria tentado asfixiá-lo com um travesseiro, em novembro.

Segundo o delegado Érico Mangaravite, titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), somente uma vez ele atendeu um caso de um menino que foi até a delegacia sozinho pedir ajuda.

“Eu estava de plantão no DPJ de Vitória e uma criança, que morava em um morro próximo à delegacia, chegou dizendo que o pai estava querendo bater nele”, afirmou.

“Quando o menino subia a escadaria viu o pai na porta com um cinto na mão e resolveu fugir antes”. Segundo o delegado, o pai ficou aborrecido com problemas que a criança teria na escola.